

Eleições

Sem obrigação de votar, idosos querem distância da política

Desconfiados, dizem que políticos "só sabem falar bonito na hora de pedir voto"

Baln. Camboriú – Se o bingo é a parte sagrada da rotina dos idosos que frequentam a Casa da Sogra, em Balneário Camboriú, a corrida dos candidatos para serem eleitos no dia 3 de outubro passa longe das preocupações de quem já viveu e já votou muitas vezes.

Enquanto a locutora fala os números sorteados, o clima de apreensão cresce entre eles. Leonora Paula Sartori, 73, chegou um pouco atrasada e fica aborrecida ao ver que perdeu mais uma rodada conversando com a repórter. Livre da obrigação de votar desde o seu aniversário de 70 anos, Leonora diz que não quer mais saber de política. Acredita que o Brasil está "um pouquinho melhor" do que no passado e pede apenas que os mais jovens "votem bem, escolham o candidato certo, que olhe pela educação, pela saúde. Tem que melhorar a saúde, o atendimento nos postos, nos hospitais. Não adianta ficar só na

promessa".

Ao contrário de dona Leonora, o aposentado Evilásio Vormi Pereira, 69, precisa ainda comparecer ao menos ao cartório eleitoral para justificar seu voto, já que há três eleições ele "faz questão de passar longe da urna". Ele alega que não quer "patrocinar nada para que os políticos fiquem explorando ainda mais o povo".

Morando em Balneário Camboriú há três anos, o aposentado explica que sequer transferiu seu domicílio eleitoral. Junto à despreocupação de votar, a propaganda dos candidatos é desprezada, "porque é muita falação".

Se o brasileiro viverá melhor em 2014, Pereira diz que não sabe. Porque, para ele, "O Lula diz que está tudo bem, mas, na verdade, o brasileiro está ferrado". Pegando suas cartelas para o bingo, comenta com as recepcionistas que acha que não verá a duplicação da BR-101 pronta tão cedo e que, "ao

invés de se preocupar com a Copa do Mundo, com as Olimpíadas, ele devia é pensar no povo. Aí vai ser assim, enquanto eles estarão construindo ginásios, estádios, a gente fica mendigando um aumento de aposentadoria, uma saúde mais digna".

O aumento na aposentadoria também é a reclamação de Elza Schmidt, 75. À mesa com a amiga Elvira Furtado, 74, dona Elza diz que faz questão de ir votar e aconselha a classe política a "distribuir melhor a renda, a gente que é aposentado precisa de melhores condições para viver bem".

Já Elvira discorda da companheira de bingo e conta que desliga a televisão na hora do horário eleitoral. "Todos eles prometem a mesma coisa. É igual à novela. Mudam os atores, mas bem no fim, a história é a mesma. Não gosto de política e dei graças a Deus quando fiz 70 anos para não precisar mais ir votar".

Quando perguntada so-

bre o Brasil no futuro, ela é direta: "não sei se estarei viva até lá".

CIÚMES

Aos 96 anos, dona Leonida Brandes, lembra-se bem de Getúlio Vargas, referindo-se ao ex-presidente como "primo de uma prima do meu marido". Mesmo com uma memória afiada, Leonida confessa não ter título de eleitor. Não vota "desde que era solteira".

Não que não tivesse vontade. O problema era que seu falecido marido era muito ciumento. Ela conta que lembra que "a gente construiu um cofre no quarto, ao lado da cama, daqueles que ficavam embutidos na parede. Aí ele ia lá e colocava a senha e deixava os documentos dentro. Ele tinha muito ciúmes, sabe? Nunca me deixava fazer nada, maltratava demais a gente".

Jogando bingo com sua filha, Olga Torresan, 70, dona Leonida ficou animada quando descobriu

que podia fazer um título de eleitor, mas logo lamentou, e disse "pena que eu estou muito velha para essas coisas".

Com a responsabilidade de quem já cobrou mais segurança para o atual governador Leonel Pavan (PSDB), dona Leonida conta os versinhos que declamou quando Pavan e sua esposa, Bernadete, visitaram a Casa da Sogra.

No poema, ela pedia que as pessoas pudessem viver "sem medo da violência, da loucura e da maldade". Os versos, que incluíam "vamos unir nossas mentes, juntar as mãos para acabar com a violência", comoveram Pavan, e ela atendeu ao pedido para mandar uma cópia do texto para ele.

Ela diz que ainda não vê as pessoas se sentindo seguras, "a gente tem que viver preso dentro de casa", mas diz que um dos maiores problemas da sociedade é hoje a falta de respeito. Depois de décadas ao lado do marido

ciumento, vê que a mulher hoje tem mais liberdade. Liberdade que em alguns pontos é criticada. Segundo ela, "a gente vê mulher com o peito para fora na rua e depois elas dizem que o homem é que é sem-vergonha".

Olga, a terceira filha de sua prole de 15, esbanja beleza e vitalidade aos 70 anos. Interessada por política, afirma não perder o horário eleitoral "porque quero saber o que eles vão prometer".

Assistindo aos programas televisivos dos candidatos, Olga aponta que o atendimento para a saúde do idoso precisa melhorar ainda mais e diz que espera que o Brasil "vá bem no futuro, mas não dá para continuar do jeito que está".

E depois, dona Olga olha para todo o grupo que se diverte no bingo, e conclui que "eles não entendem que o idoso precisa de mais carinho, precisa de mais compreensão. E o idoso é muito humilhado, tratado como nada".

MAURÍCIO DALEFFE/JORNAL DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ



Enquanto Elza Schmidt, 75, diz que quer votar ainda, Elvira Furtado, 74, conta ter ficado feliz quando fez 70 anos

MAURÍCIO DALEFFE/JORNAL DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ



À espera de seu aniversário de 70 anos, o aposentado Evilásio Vormi Pereira justifica o voto há três eleições

LARISSA GUERRA/DDC



Depois de décadas ao lado de um marido ciumento, Leonida Brandes, 96, lamenta "estar muito velha para essas coisas". Sua filha, Olga Torresan, 70, diz que fica atenta à propaganda dos candidatos

MAURÍCIO DALEFFE/JORNAL DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ



Aos 73 anos, Leonora Paula Sartori diz que "não quer nem saber de política"

intel

EPSON

Genius

SAMSUNG

ASUS

AMD

LG

hp HEWLETT PACKARD

CREATIVE

INFORMÁTICA E SISTEMAS DE SEGURANÇA



(47) 3348.5886

Rua: Umbelino de Brito, 117 - Centro - Itajaí - SC | creative@creativemf.com.br